

TURISMO COMUNITÁRIO E INCLUSÃO SOCIAL: ANÁLISE DO ROTEIRO TURÍSTICO DE BASE COMUNITÁRIA DO PROJETO BOAS PRÁTICAS NA SERRA DO BRIGADEIRO – MG / BRASIL¹

Werter Valentim de Moraes²

Magnus Luiz Emmendoerfer³

Resumo:

Um dos grandes desafios das comunidades anfitriãs do turismo de base comunitária / TBC é se prepararem para receber os turistas. A rotina de vida nas comunidades turísticas é o grande diferencial de atratividade existente, neste sentido, formatar uma programação turística mantendo a originalidade das atividades passa a ser uma das dificuldades de gestão. No Projeto Boas Práticas no Território da Serra do Brigadeiro, foi elaborado um roteiro envolvendo o núcleo de turismo de base comunitária do Boné. Assim, o objetivo deste trabalho foi sistematizar as ações operacionalizadas para a formatação de roteiros deste segmento turístico que o referido projeto utilizou. Para tanto, utilizou o método da pesquisa-ação, fazendo uso de observações e questionários. Este acompanhamento sistemático permitiu uma análise da estratégia utilizada para que seja multiplicada em outros núcleos do turismo de base comunitária. As estratégias foram baseadas no Programa Roteiros do Brasil e nos princípios do Projeto Bagagem. Neste roteiro os turistas avaliaram a alimentação, o transporte, a hospedagem e os guias. Para os turistas foi uma experiência enriquecedora com interação na comunidade. No entanto, requisitos como distância do local e o período curto para todas as vivências foram questionadas. Os anfitriões gestores do roteiro avaliaram as vivências na pousada, no restaurante, na trilha, na cachoeira, no passeio de trator e os turistas. Os gestores se sentiram a vontade para se relacionarem em seus ambientes, demonstrando integrados ao ambiente a que pertencem. Pode-se concluir que as atividades a serem programadas nas experiências deste segmento turístico deve envolver a rotina diária dos anfitriões, para que a identidade do território possa ser autêntica e original permitindo aos turistas se integrarem ao ambiente local.

Palavras-chave: Turismo. Atrativos. Economia de experiências. Gestão turística. Territórios turísticos.

COMMUNITY BASED TOURISM AND SOCIAL INCLUSION: TOURIST ITINERARY ANALYSIS COMMUNITY BASED PROJECT GOOD PRACTICES IN SERRA DO BRIGADEIRO - MG / BRAZIL

Abstract:

One of the great challenges of the communities that host community-based tourism / CBT is to be ready to welcome tourists. The routine of life in tourist communities is the great advantage of existing attractiveness, in this sense, to make a tourist program keeping the originality of activities becomes one of management difficulties. In the Project "Good Practice in the Serra do Brigadeiro" was prepared an itinerary that involved the Nucleo do Boné community-based tourism. In this sense the objective of this study was to systematize the actions operationalized for formatting itineraries this tourist segment that said project used. For this, the action research method was used, with questionnaires and observations. This allowed a systematic follow-up to be multiplied in other centers of community-based tourism. The strategies were based on the Routes of Brazil Program and the principles of Bagagem Project. In this itinerary tourists reviewed the food, transportation, lodging and guides. For tourists was an enriching experience with interactions in the community. However, requirements such as distance from the site and the short period for all experiences were criticized. Managers hosts of the itinerary evaluated the experiences at the inn, the restaurant, the trail, the waterfall, the tractor ride and tourists. Managers felt the desire to relate to their environments, demonstrating integrated environment to which they belong. Lastly that the activities to be scheduled on the experiences of this tourist segment should involve the daily routine of hosts for that the identity of the territory can be authentic and original allowing tourists to integrate into the local environment.

Keywords: Tourism. Attractive. Experience economy. Tourism management. Touristic territories.

¹ Agradecimentos ao Ministério do Turismo que financiou o Projeto Boas Práticas de TBC entre 2010 e 2012.

² Universidade Federal de Viçosa. Doutor em Ciência Florestal. E-mail: wvmoraes@hotmail.com

³ Universidade Federal de Viçosa. Doutor em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: magnus@ufv.br

**TURISMO COMUNITARIO E INCLUSIÓN SOCIAL:
GUÍA TURÍSTICA DE ANÁLISIS COMUNITARIOS BASADOS EN
PROYECTOS BUENAS PRÁCTICAS EN LA SERRA DO BRIGADEIRO
- MG / BRASIL**

Resumen:

Uno de los grandes retos de las comunidades receptoras de turismo comunitario / TBC se prepara para recibir a los turistas. La rutina de la vida en las comunidades turísticas es la gran ventaja de la atracción existente, en este sentido, formatear un programa turístico manteniendo la originalidad de las actividades pasa a ser una de las dificultades de gestión. La práctica de proyectos en el territorio de la Serra do Brigadeiro, se ha elaborado un guión que implica núcleo turismo comunitario del “Boné”. El objetivo de este estudio fue sistematizar las acciones operacionalizados para dar formato a los guiones de este segmento turístico que dicho proyecto utilizó. Por lo tanto, se utilizó el método de la investigación-acción, haciendo uso de observaciones y cuestionarios. Este monitoreo sistemático permitió un análisis de la estrategia utilizada para ser multiplicado en otros centros de turismo comunitario. Las estrategias se basan en Vías del programa de Brasil y en los principios del proyecto “bagagem”. En este itinerario turistas evaluaron la energía, transporte, alojamiento y guías. Para los turistas fue una experiencia enriquecedora interacción con la comunidad. Sin embargo, fueron interrogados condiciones locales, tales como la distancia y el corto período para todas las experiencias. Los anfitriones gestores del itinerario analizaron las experiencias en los medios de hospedaje, en el restaurant, en la ruta, en la cascada, en el tur del trator y los turistas. Los gerentes sintieron el impulso de relacionarse con su entorno, lo que demuestra integrado en el entorno al que pertenecen. Se puede concluir que las actividades que se programan en las experiencias de este segmento turístico debe involucrar a la rutina diaria de los ejércitos, de modo que la identidad de la zona a los turistas que permiten auténticas y originales para integrarse en el entorno local.

Palabras clave: Turismo Atractivo. Economía de la experiencia. Gestión turística. Territorios turísticos.

1 INTRODUÇÃO

O turismo trabalhado na agricultura familiar pode complementar a renda através da comercialização de produtos e serviços diretamente ao visitante dentro da propriedade rural. Diante desse cenário, o turismo possibilita a valorização da família agricultura, uma vez que a sua cultura torna-se o próprio atrativo turístico, com efeitos diretos no aumento da auto-estima da população.

Os benefícios sociais da atividade turística refletem na mobilização da ruralidade, e na necessidade das famílias agricultoras manterem sua identidade e autenticidade. É possibilitado um resgate de valores, como: orgulhar-se

de seus antepassados, relembrar histórias, reutilizar a culinária, mostrar utensílios antigos, seu modo de falar, suas vestimentas, seu saber (BRASIL, 2004).

Segundo o plano de desenvolvimento territorial da Serra do Brigadeiro (CTA-ZM, 2004), foi definido como um dos eixos estratégicos de ação nas comunidades do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro o turismo rural, que pretende explorar o seu potencial turístico de maneira a promover a qualidade de vida das comunidades, sem, no entanto, descaracterizá-las e/ou desrespeitá-las.

Com relação às práticas turísticas em pequenas comunidades e o incremento destas atividades apoiado por políticas públicas, estas não trouxeram os benefícios potenciais prometidos para as populações locais. Essa constatação (BURSZTYN; BARTHOLO; DELAMARO, 2009) leva questionar tais práticas e as políticas públicas que as sustentam como: a quem interessam? Quem são seus efetivos beneficiários? Não haveria um modelo alternativo? Estes questionamentos ocorrem principalmente em regiões onde a atividade turística vem sendo desenvolvida sem as devidas ações técnicas e reconhecidas pelo título de regiões com potencial turístico. Neste sentido, inclusão social e geração de renda, são benefícios que podem ser maximizados com o desenvolvimento do turismo de base local.

2 O PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO / ROTEIROS DO BRASIL

Segundo o Ministério do Turismo, a regionalização do turismo é um modelo de gestão de política pública descentralizada, coordenada e integrada, baseada nos princípios da flexibilidade, articulação, mobilização, cooperação intersetorial e interinstitucional e na sinergia de decisões (BRASIL, 2005). Conforme o Programa Roteiros do Brasil, regionalizar é transformar a ação centrada na unidade municipal em uma política pública mobilizadora, capaz de provocar mudanças, sistematizar o planejamento e coordenar o processo de desenvolvimento local e regional, estadual e nacional de forma articulada e compartilhada (BRASIL, 2005).

Com este Programa, o governo federal busca dotar as instâncias de governança de uma visão mais abrangente da atividade por meio de ações inseridas em toda a cadeia produtiva do turismo. Estas ações permitem reconhecer as regiões, enquanto destinos turísticos capazes de comercializarem seus respectivos produtos turísticos, para que, de fato, o termo potencial seja explorado.

O Programa de Regionalização do Turismo tem o intuito de organizar e integrar a oferta turística, descrita em um documento para a elaboração de roteiros turísticos (BRASIL, 2005) que apresenta definições, como:

- Região turística: espaço geográfico com características e potencialidades complementares, capazes de serem articuladas e que definem um território;

- Produto turístico: conjunto de atrativos, equipamentos e serviços turísticos acrescidos de facilidades, ofertado de forma organizada por um determinado preço;
- Roteiro turístico: itinerário com um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística;
- Destino turístico: local, cidade, região ou país para onde se movimentam os fluxos turísticos.

Assim, a roteirização é definida como “o processo que estrutura a oferta de uma região, em um produto rentável e comercialmente viável” (BRASIL, 2005).

Segundo Almeida (2006), a roteirização deve possuir caráter participativo, estimular a integração e o compromisso dos envolvidos no processo para constituir-se em instrumento de inclusão social, resgate e preservação dos valores culturais e ambientais existentes.

Segundo Brasil (2005, s/p), os seguintes passos do processo de roteirização são necessários: Envolvimento dos atores; Definição de competências e funções; Avaliação e hierarquização dos atrativos turísticos; Análise de mercado e definição de segmentos; Identificação dos possíveis impactos socioculturais, ambientais e econômicos; Elaboração de roteiro específico; Levantamento das ações necessárias para implementação do roteiro turístico; Precificação e teste do roteiro turístico; Qualificação dos serviços turísticos; promoção e comercialização; Monitoria e avaliação.

Com base nesses preceitos, a roteirização se dá após o reconhecimento e a caracterização da atividade turística a ser desenvolvida na respectiva região (ALMEIDA, 2006). Por conseguinte, essa atividade turística reconhecida é a aptidão social, econômica e ambiental para o desenvolvimento.

3 O TURISMO NO ESPAÇO RURAL

No século 20, a globalização com os avanços em tecnologia de comunicação ajudaram a desenvolver o turismo no mundo. No entanto, embora o turismo trouxesse benefícios econômicos, tem contribuído significativamente para a degradação do meio ambiente, com os impactos sociais e culturais. Estes cenários são comumente visualizados pelo crescimento desordenado do turismo em muitos destinos turísticos (ASHLEY, 2011).

Estes indesejáveis efeitos levaram à preocupação crescente para a conservação e preservação dos recursos naturais, bem-estar humano e da viabilidade econômica a longo prazo das comunidades anfitriãs (SIMPSON, 2008).

Woolcock e Narayan (2000), argumentaram que o pequeno tamanho da maioria das empresas turísticas e a dramática ascensão da questão da sustentabilidade têm levantado graves questões sobre a implementação e monitoramento do turismo sustentável a nível local.

A notoriedade dessas transformações tem chamado a atenção de várias áreas e setores, especialmente da área acadêmica, a qual vem analisando essas novas relações. Tais transformações apontam para a abertura de um processo produtivo rural, o qual abre espaço para a consolidação de atividades, como o turismo, que, embora recente no meio rural, vem insurgindo na agricultura familiar.

No que se refere à oferta de produtos transformados, de origem animal (queijo, embutidos) e de origem vegetal (doces, conservas) oferecidos aos visitantes, a atratividade reside também no processo de produção (BRASIL, 2008). A identificação desses produtos com a cultura local e com as características histórico-geográficas de território é que justifica o envolvimento dos atores desta atividade turística estarem inseridos na ruralidade da agricultura familiar.

A cultura local é elemento base do turismo no espaço rural, destacando-se as manifestações folclóricas, causos, lendas, músicas, trabalhos manuais, artesanato, arquitetura (casas, galpões, moinhos, armazéns, adegas, pontes), antiguidades, inclusive maquinário e instrumentos agrícolas e do lar, entre outros (BRASIL, 2003).

Assim, a atividade turística tem-se pautado no discurso da geração de emprego e renda, no aumento de divisas para os países em desenvolvimento. A maior consequência é uma explosão do setor em todos os níveis. Isso é tão verdadeiro que, segundo a OMT (Organização Mundial do Turismo), o turismo é a primeira fonte de divisas em mais de um terço dos países do mundo, estando entre as cinco primeiras categorias de exportação em 83% dos países; gerando de 3% a 5% do PIB mundial, e contribuindo diretamente para o emprego de 200 milhões de pessoas (PINCE, 2007). No Brasil, o setor representou o quinto item da pauta de exportações, tendo um crescimento de mais de 14% no total de divisas que ingressaram no país em 2007, comparados a 2006 (WTO, 2008). Atualmente, no Brasil, o setor turístico efetuou a receita cambial de 6,6 bilhões de dólares em 2012, revelando a magnitude e as importantes movimentações realizadas pelo setor na economia nacional (DADOS E FATOS, 2014)

É importante salientar que o crescimento do setor turístico não determina retorno econômico e social para os locais que o acolhem. Por exemplo, os países do sul não recolhem mais do que $\frac{1}{4}$ do dinheiro gasto durante a vinda de turistas, sendo os outros $\frac{3}{4}$ distribuídos entre as agências de viagens, companhias aéreas, hotéis e outras empresas internacionais (PINCE, 2007). Isso é consequência de um modelo de “mau desenvolvimento” (SACHS, 2009), no qual as desigualdades na distribuição da riqueza reforçam as diferenças sociais e econômicas, dificultando as iniciativas endógenas capazes de promover um outro modelo de desenvolvimento.

Uma alternativa para reverter este quadro e possibilitar o envolvimento das populações anfitriãs a serem as reais beneficiárias, pode ser o TBC, que a Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário - TURISOL, apresenta

como a atividade turística que apresenta gestão coletiva, transparência no uso e destinação dos recursos e na qual a principal atração turística é o modo de vida da população local. Nesse tipo de turismo a comunidade é proprietária dos empreendimentos turísticos e há a preocupação em minimizar o impacto ambiental e fortalecer ações de conservação da natureza (PROJETO BAGAGEM, 2010).

O TBC é uma forma de turismo onde as necessidades do turista, da comunidade, e da conservação do meio ambiente são mutuamente interdependentes (INTERNACIONAL ECOTOURISM SOCIETY, 2010). Sendo assim uma atividade valiosa para a redução da pobreza, da biodiversidade, da conservação, e da oferta responsável de roteiros de turismo sustentável.

Dentro deste contexto na África do Sul, um grande número de empreendimentos de TBC surgiram como resultado da desconcentração da gestão dos recursos naturais para a responsabilidade das comunidades, com isso, estas também recebem o direito de utilizar estes recursos para o alívio da pobreza e a geração de renda entre elas (SPENCELEY, 2008).

Vários pesquisadores buscam diagnosticar o cenário de uma gestão eficiente do TBC, assim, pode-se caracterizá-lo:

- O TBC deve apresentar princípios, estratégias de implementação, planos de ação e um sistema de monitoramento do seu desenvolvimento de acordo com o espectro econômico, social, cultural, natural, ambiental e político (STEIN et al, 2003).
- A fim de refletir as visões e valores de uma comunidade de destino, o processo transparente de desenvolvimento do TBC deve permitir a participação plena da comunidade (JAMAL; GETZ, 1999).
- O TBC deve se estruturar com base em indicadores de desenvolvimento local, uma vez que o crescimento sustentável se dá a partir das tradições comunitárias (MILLER, 2001).

O empreendedorismo comunitário significa a construção de relações locais que aumentam a capacidade adaptativa de pessoas dentro de uma mesma localidade. Assim, o empreendedorismo reflete a capacidade das pessoas de gerenciar e valorizar os recursos disponíveis, a fim de tratar questões locais (BRENNAN et al, 2009).

A capacidade dos residentes para gerenciar os seus empreendimentos estão voltados para a sustentabilidade econômica, social e ambiental a partir dos recursos locais (AKAMA, 2006). Desta forma, Bridger et al. (2010), reitera que deve haver uma ênfase no aumento da diversidade da economia local através de esforços de pequenas empresas que trabalham a compra local, buscando a auto-suficiência, e, o desenvolvimento de mercados locais, com a produção e o processamento de mercadorias deve acontecer com uma maior cooperação entre as entidades locais.

Diante deste cenário, Sampaio (2005) cita que as populações tradicionais, independente do grau de descaracterização, frente à hegemonia das sociedades urbanas, são protagonistas de seus modos de vida, tornando-se uma alternativa ao modo de vida materialista-consumista. Com esta percepção é apresentada uma estratégia para que comunidades tradicionais, com desvantagens históricas, viabilizem seus respectivos modos de vida e se envolvam com a proposta do TBC.

Silva, Ramiro e Teixeira (2009), sobre TBC, propõem que sejam utilizadas, de forma sinérgica, as potencialidades do atrativo para a melhoria dos resultados econômicos e da qualidade de vida local. Essa relação promove o acesso para esta população a bens e a serviços públicos, bem como a integração com outros setores, agregando valor a este turismo, por meio da economia de base local. Fazendo entender que o TBC é um subsistema interconectado a outros subsistemas, como educação, saúde e modo de vida, diferenciando-o de outros segmentos turísticos.

Nessas particularidades, se encontra o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e seu entorno, constitui o Território da Serra do Brigadeiro. Neste território, a comunidade expressa seu modo de vida, sua identidade cultural e suas relações com a natureza. Como consequência dessas expressões, o turismo abre perspectivas para a valorização do patrimônio comunitário.

4 PRINCÍPIOS DO PROJETO BAGAGEM – UMA ALTERNATIVA EM VIAGENS

O Projeto Bagagem nasceu do desejo em contribuir com iniciativas bem-sucedidas de organizações não-governamentais do Brasil que tinham o desafio de apoiar a geração de renda nas comunidades onde atuavam. Inicialmente o projeto foi apresentado como uma iniciativa sem fins lucrativos que promove o turismo comunitário em regiões do Brasil que apresentam um grau significativo de organização comunitária” (PROJETO BAGAGEM, 2010, p.22).

Por meio de viagens, o projeto leva um grupo de pessoas interessadas em conhecer melhor o país, para conviverem de maneira direta com a população local. Mais do que visitar atrações turísticas, a ideia é dar aos visitantes a oportunidade de experimentarem a vida nas comunidades como ela realmente é, em um processo de aprendizagem e intercâmbio cultural, onde participantes e membros das comunidades saem ganhando. Assim, a viagem é também uma oportunidade de conhecer o trabalho da ONG parceira e fonte de renda para as comunidades.

As séries metodológicas da Rede TURISOL, publicado pelo Projeto Bagagem (2010, s/p), estabelece alguns princípios para roteiros do TBC, como:

- Entender que a principal atração turística é o modo de vida da comunidade, com sua forma de organização, os seus projetos sociais,

suas formas de mobilização comunitária, suas tradições culturais e, suas atividades econômicas.

- Propiciar a autogestão da atividade de maneira que as comunidades assumam o protagonismo que lhes corresponde no planejamento, operação, supervisão e desenvolvimento dos roteiros turísticos.
- Possibilitar a distribuição justa do dinheiro e transparência no uso dos recursos com geração e distribuição de renda equitativa, praticando preços e relações de trabalhos justos, satisfazendo comunidade e turistas.
- Propor atividades que valorizem a afirmação da identidade comunitária, proporcionando intercâmbio cultural e aprendizagem com o visitante. Demonstrando uma relação de parceria e troca entre o turista e a comunidade, onde o turista é visto como um parceiro e não como um cliente.
- Trabalhar a programação das atividades respeitando as normas de conservação da região, procurando gerar o menor impacto no meio ambiente, contribuindo na promoção de projetos de manejo sustentável de recursos naturais.
- Estabelecer cooperação e parceria entre os diversos segmentos relacionados ao turismo de base local e deste com outras localidades com realidade semelhante e com potencial para a formatação de novos produtos e serviços, estabelecendo assim a cadeia produtiva do turismo de base comunitária.
- Entender que o turismo é instrumento para o fortalecimento associativo, ou seja, o sucesso individual está condicionado à sustentabilidade do ambiente que o cerca, onde a comunidade é proprietária, gestora e empreendedora.

Desta forma, as atividades turísticas são complementares a outras atividades econômicas já praticadas como a agricultura, a pesca, o artesanato, a pequena agroindústria, o transporte e outros serviços. Nessa ótica, é passível de se explorar todas as iniciativas produtivas sustentáveis que contribuam com o desenvolvimento econômico local e gerem empregos novos e de qualidade nas comunidades.

Assim, entende-se que os destinos ecoturísticos dependem essencialmente da existência e criação de áreas de elevado valor ecológico e da forma como estas são geridas e desenvolvidas, bem como da existência de infraestruturas de acolhimento e de recursos humanos capacitados (MORAES, RIBEIRO; EMMENDOERFER, 2013).

Sob o enfoque econômico destes mercados, o consumidor tem como objetivo primordial a obtenção da máxima satisfação de seus gastos, através da escolha da melhor combinação possível dos produtos turísticos. Sob

outra ótica, a demanda também avalia a oferta desses produtos, no momento em que esses consumidores não praticam, não atuam, não vivenciam o ambiente em que foram produzidos tais produtos. Nessa intercessão negativa, não se está praticando o turismo de base comunitária, pois não se está interagindo com a produção desses bens e serviços.

O envolvimento das comunidades nas etapas da operacionalização e organização deste mercado, dentro da categoria do TBC permite encontrar particularidades nas regiões. Esse envolvimento comunitário permite um empoderamento capaz de atrair turistas com um grau de interesse motivado para vivenciar trocas de saberes de uma cultura em que o pertencimento de suas tradições é um atrativo relevante para os roteiros turísticos.

5 ÁREA DE ESTUDO

A área geográfica da pesquisa se encontra no município de Araponga, Minas Gerais (MG), inserido no Território da Serra do Brigadeiro, estabelecido dentro dos princípios da política pública do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), no qual o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro está localizado.

Nesta região existe o Projeto Boas Práticas de TBC desenvolvido pelo Centro de Pesquisa e Promoção Cultural – CEPEC e Associação Amigos de Iracambi apoiado por meio de edital a fundo perdido pelo Ministério do Turismo que trabalha com 30 famílias rurais distribuídas em 5 Núcleos de Turismo de Base Comunitária.

No Núcleo de Turismo de base Comunitária do Boné estão envolvidas 4 famílias de agricultores que também são parentes entre si, totalizando 8 pessoas. Cultivam o café, com uma estrutura com máquina de limpar café, armazém e trator. Na estrutura turística apresentam um restaurante familiar, dois módulos de hospedagem com 3 quartos com 2 camas em cada quarto, oferecendo 12 leitos. Trabalham com *camping* e fornecem sanitários e banheiros. No Núcleo se localiza a caminhada até o Pico do Boné com 1635 metros de altitude, sendo a mais pitoresca do interior do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, além da trilha do carvão que também pode ser percorrida por *mountain bike*. Como atrativos existe várias cachoeiras, além de poder ser vivenciados a casa de forno, onde se produz os quitutes e quitandas, um curral com leite ao pé da vaca, uma pescaria tradicional noturna de cambeva com parão⁴ e um passeio de trator pela comunidade e a apresentação da folia de reis do Boné. Este núcleo credenciado também no programa de economia solidária fica no município de Araponga, a 15 km da sede.

⁴ Parão = instrumento rudimentar de pescaria.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método que permitiu a realização deste estudo foi a pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011). Assim, o ponto de partida foi o projeto Projeto Boas Práticas de TBC, no qual ocorreu a seleção dos atrativos turísticos para compor o roteiro trabalhado. Este roteiro foi identificado com base na pesquisa de Moraes (2011a), subsidiado pelo mapeamento elaborado por Sansolo e Bursztyn (2009) e, dos princípios de formatação de roteiros do Projeto Bagagem (2010), priorizando: a) Proximidade de áreas protegidas; b) Proximidade da água enquanto atrativo de balneabilidade; c) Festas populares no calendário de eventos; d) Espaços de encontro e convivências para compartilharem seu dia a dia; e) Sistema de hospedagem domiciliar administrado pela família; f) Produtos comercializados de produção local;

A programação foi definida em vários encontros de trabalho com empreendedores locais integrantes do núcleo de TBC do Boné subsidiada no roteiro metodológico do “Programa de Regionalização do Turismo - Roteirização Turística - Módulo Operacional” (BRASIL, 2005). Foi definido com os 8 integrantes (3 casais, um filho e um neto) do Núcleo de TBC do Boné a programação, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Resultado do questionário aplicado aos turistas sobre o roteiro de TBC no núcleo de TBC do Boné.

PRIMEIRO DIA:
10: 00 hs – Chegada com acomodação na Pousada Remanso
12:00 hs – Almoço de confraternização no Restaurante da Pousada Remanso
14:00 hs – Banho na cachoeira e nas piscinas naturais do Boné
17 hs – Retorno ao Restaurante para o Lanche
18:30 hs – Pescaria noturna de parão (instrumento rudimentar) na cachoeira.
20:00 hs – Jantar de Confraternização com apresentação do Grupo Folia de Reis do Boné com Mostra de Artesanatos de Café.
SEGUNDO DIA:
8:00 hs – Passeio de trator para conhecer a produção artesanal de lingüiça
10:30 hs – Caminhada para a Trilha da Mina do Ouro – 8 km ida e volta.
13:00 hs – Almoço de despedida no Restaurante da Pousada Remanso

Fonte: Elaboração própria.

Com base nesta programação e acompanhada pelo pesquisador, uma representante do Projeto Bagagem realizou uma visita técnica ao Projeto que fomentou a iniciativa da elaboração do referido roteiro. Foram realizadas oficinas de condução ambiental, técnicas de higiene e alimentação com carga horária de 16 horas cada.

Para a formatação do roteiro, a fim de validá-lo, foi elaborado uma cortesia (*fam tour*) para um grupo de 8

caminhantes da cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Esta cortesia foi constituída do transporte de Viçosa (MG) até o Núcleo, das diárias completas, e das atividades com guia para todo o grupo.

Assim, a pesquisa-ação possibilitou os pesquisadores fazerem uso de observações e de diários de campo para registro das informações obtidas durante a visita-técnica, e na realização das oficinas e do *fam tour*.

Somado a isso, após a programação foi avaliado o roteiro por meio de um questionário aplicado ao grupo de turista, e outro questionário aos integrantes do Núcleo. Esses questionários eram semiestruturados, possuindo questões fechadas com cinco opções de respostas (escala Likert de 5 pontos: péssimo, regular, bom, ótimo, excelente) sobre a qualidade do roteiro TBC no local estudado para o turista, e para o integrante do Núcleo TBC, versaram perguntas sobre a convivência com o turista nos atrativos turísticos programados. Os itens avaliados foram: programação; hospedagem; alimentação; transporte; distancia percorrida; e perfil do receptivo (guias/anfitriões). Esses dados foram cotejados com a literatura especializada apresentada nos fundamentos teóricos deste trabalho, os quais foram referenciados no final deste trabalho. Além disso, alguns dados permitiram organizar tabelas ilustrativas, fazendo uso de estatística descritiva (distribuições de frequências).

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Zechner et al (2010) relata a experiência do Consórcio Cooperativo *Red Ecoturística Nacional – COOPRENA* na Costa Rica em que as famílias de agricultores com trabalho em rede implantam o ecoturismo comunitário, destacando a organização social, a inserção das mulheres e jovens nos projetos desenvolvidos com a preservação dos recursos naturais e resgate cultural. Esta experiência se assemelha com a do Núcleo de TBC do Boné quando na fala do senhor Dico, o patriarca, “esta atividade vai ser custoso pois vai envolver muita gente, dando certo, vai ser o indês⁵ para chamar outros turistas e outras pessoas prá ajudar” (senhor Dico, 72 anos agricultor e empreendedor do Núcleo de TBC do Boné, 2011) (MORAES, 2011b).

O grupo de caminhantes foi constituído por 6 homens e 2 mulheres, sendo a idade mínima de 26 e a máxima 48 anos. Chegaram no Núcleo por meio de uma Van, dentro do horário proposto.

No resultado do questionário observou-se que grande parte do grupo de caminhantes considerou como ótimo e excelente o roteiro vivenciado, sendo que a programação obteve as considerações excelentes. Na Tabela 2 se encontra os dados em números inteiros e percentuais de um total de 8 que responderam o questionário, todos integrantes do Núcleo. Os tópicos que

⁵ Indês = ovo deixado no ninho para atrair novas posturas no mesmo local.

menos contribuíram para a aceitação do roteiro foram a distância percorrida e o transporte utilizado. O perfil dos guias também se destacou positivamente, com aceitação integral de todo o grupo de caminhantes.

Tabela 2: Resultado do questionário aplicado aos turistas sobre o roteiro de TBC no núcleo de TBC do Boné.

TÓPICOS	CLASSIFICAÇÃO					TOTAL
	Pés-simo	Regular	Bom	Ótimo	Excelente	
Programação					8-100%	8
Hospedagem			2-25%	8-100%		8
Alimentação				7-88%	1-12%	8
Transporte			6-75%	2-25%		8
Distância percorrida		3-37%	5-63%			8
Perfil do *receptivo/**guias				8-100%		8

Fonte: Elaboração própria. Legenda: *receptivo = integrantes do núcleo que participaram no roteiro em contato com o turista na pousada e no restaurante. **guias = integrantes do núcleo que participaram no roteiro em contato com o turista na trilha, na cachoeira e no passeio de trator.

Com relação a programação foi sugerido que o roteiro seja elaborado em 3 dias devido a riqueza cultural do Núcleo com a apresentação do grupo folclórico e a mostra dos artesanatos que poderia ser melhor aproveitado. Marcelo, integrante do Grupo de Caminhantes, referiu-se ao Grupo Folclórico do Boné, “realmente, foi muito legal a maneira que eles nos envolveram na brincadeira mística de dançar na lua” (Marcelo, 27 anos, de Belo Horizonte – MG, 2011) (MORAES, 2011b).

A mesma sugestão do aumento dos dias da programação também se justifica com a mudança da pescaria para outro dia. O lazer no rio encachoeirado também poderia ser melhor aproveitado se tivesse mais tempo para este lazer.

As sugestões relacionadas à hospedagem foram no sentido de que a decoração possa retratar mais o local e o artesanato de café, que apresenta grande identidade com o Núcleo, facilitando assim a sua venda. Os requisitos de higiene foram todos satisfeitos e a simplicidade foi um diferencial parabenizado.

A alimentação foi bastante elogiada com o tempero caseiro e as especiarias para o frango, o qual foi motivo de trocas de receitas (Figura 1). O suco poderia ser utilizado nos lanches como foi servido no almoço.

Figura 1: Alimentação caseira do restaurante familiar no NTBC Boné



Fonte: Lukarol (2012).

O transporte, feito de van, foi ótimo com paradas em locais estratégicos e a direção segura foi elogiada. No entanto, a distância percorrida de Belo Horizonte até o Núcleo foi em seus 310 km de asfalto com 25 km de terra um pouco cansativa para se chegar no mesmo dia do início das programações. A sugestão deixada foi que a viagem fosse feita a noite com início da programação no dia seguinte.

O perfil dos guias foi muito elogiado pela maneira de explicar o jeito de viver na região e as maneiras de fazer o parão (instrumento de pescar a cambeva - peixe de cachoeira).

A experiência do turismo de base comunitária no Baixo Rio Negro, Amazonas, do Instituto de Pesquisas Ecológicas, foi iniciada com o ordenamento das ações de gestão da cultura, do social e do ambiental, permitindo uma troca de informações entre os respectivos gestores com foco no turismo (SOUZA et al, 2010). Esta experiência também é muito similar à do Núcleo de TBC Boné, enquanto mantém a cultura local com o apoio comunitário dos grupos religiosos e de familiares que se envolvem com a temática do turismo na região. Segundo Moraes (2011b), Cláudio observou em sua fala “deixar os turistas soltos, dá mais trabalho que tomar conta deles na pescaria de parão, pois eles perto, fica mais atencioso com o lugar” (Cláudio, 19 anos, condutor local e gestor do restaurante familiar, neto do senhor Dico).

Martins, et al. (2013) cita como características principais do TBC a forma de planejamento, organização, controle participativo, colaborativo, cooperativo e solidário das comunidades envolvidas com a atividade turística. Todas estas características são vivenciadas no Núcleo do Boné, podendo ser maximizados os seus benefícios não só para os empreendedores da atividade, mas também para toda a comunidade onde se desenvolve a programação do roteiro.

O resultado do questionário aplicado aos integrantes do Núcleo de TBC do Boné estão apresentados na Tabela 3.

Tabela 3: Resultado do questionário aplicados aos integrantes do núcleo de TBC do Boné sobre o roteiro de turismo de base comunitária

TÓPICOS	CLASSIFICAÇÃO					TO-TAL
	Péssi-mo	Regu-lar	Bom	Ótimo	Ex-celente	
Convivên-cia com o turista na Pousada		7- 50 %	7 - 50%			14
Convivên-cia com o turista no Restau-rante		8- 51%	6 - 49%			14
Convivên-cia com o turista na trilha		1 - 1%		7 - 50%	6 - 49%	14
Convivên-cia com o turista na cachoeira			7 - 50%	1 - 1%	6 - 49%	14
Convivên-cia com o turista no passeio de trator			5 - 27%	6- 49%	3 - 24 %	14
Perfil dos turistas			6 - 49%	8 - 51%		14

Fonte: Elaboração própria.

Segundo o Projeto Bagagem (2010), entende-se como convivência as possibilidades que o roteiro permite aos gestores comunitários de adotarem uma posição valorizada, que não é apenas passiva e emocional, pois inclui também uma participação ativa nas relações com os turistas visitantes. Esta convivência foi identificada no Núcleo do Boné, justificando atividades em que as relações vivenciadas valorizam hóspedes e hospedeiros.

As avaliações entre ótimo e bom, podem ser entendidas como satisfatórias, por ser a primeira vez que os integrantes do Núcleo se organizam para oferecer atividades dentro de uma programação, demonstrando que os mesmos, se sentiram a vontade para entender e atender as expectativas e necessidades dos visitantes.

Observou-se que os guias foram os integrantes do Núcleo que tiveram maior facilidade na convivência com os turistas (na trilha, na cachoeira e no passeio do trator). Neste sentido Maldonado (2009), afirma que a comunidade anfitriã se sente segura, ao falar de suas características, quando nestas, encontram as suas identidades culturais. Desta forma, se justifica a seleção destes ambientes (na trilha, na cachoeira e passeio do trator).

Por fim, observou-se na avaliação do perfil dos integrantes do Núcleo (Tabela 2) e no perfil dos turistas

(Tabela 3), que existe por parte dos integrantes certa diferença de opinião (as notas se encontram mais distribuídas), podendo ser entendida como uma percepção maior destas pessoas em seu ambiente de convívio. Esta percepção apurada que os integrantes do Núcleo têm sobre os visitantes, reafirma a boa relação com o ambiente onde vivem. Esta situação também é retratada em várias viagens dos roteiros do Projeto Bagagem (2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do contexto estudado no Território da Serra do Brigadeiro, foram apresentadas e discutidas com o grupo de empreendedores do Núcleo de TBC do Boné e a coordenação do Projeto Boas Práticas do TBC na Serra do Brigadeiro, as seguintes ações a serem difundidas também nos outros quatro núcleos de TBC: a) Viabilizar rótulos e embalagens personalizadas para a comercialização dos produtos artesanais da palha de café e da agroindústria de linguiça; b) Desenvolver estruturas no trator que possa oferecer mais conforto aos turistas, como por exemplo assento almofadado; c) Promover capacitações com atividades práticas (aulas de campo) específicas em cada trilha a ser inserida na programação dos roteiros; d) Operacionalizar o seguro de vida para todos os roteiros de todos os Núcleos de Turismo de Base Comunitária; e) Criar roteiros integrando os outros Núcleos do Projeto Boas Práticas de Turismo de Base Comunitária da Serra do Brigadeiro; f) Promover uma cortesia (*press trip*) com a mídia impressa local, regional, estadual e nacional, como por exemplo revistas especializadas em turismo.

Essas ações de aperfeiçoamento do roteiro TBC não teriam sido possíveis se não fosse a realização desta pesquisa-ação, cuja contribuição é de finalidade tecnológica para a formação e a prática do turismólogo, ao demonstrar o processo de roteirização, com seus procedimentos e dificuldades em um parque estadual no sudeste do Brasil. Essa realidade deve ser presente em muitos outros lugares do Brasil e do mundo o que torna este trabalho importante para subsidiar novas pesquisas em interface com extensão, inclusive em perspectiva comparada, sobre roteiros de TBC. Além disso, esta descrição de roteirização pode também contribuir para que gestores públicos e privados do turismo possam desenvolver políticas públicas para a organização e o desenvolvimento turístico, de forma integrada, em parceria com outras cidades, visando a geração de riquezas, trabalho e renda em municípios de pequeno porte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKAMA, J. Western environmental values and nature-based tourism in Kenya. *Tourism Management*, v.17, p.567-574, 2006.

- ALMEIDA, M. *Matriz de avaliação do potencial turístico de localidades receptoras*. Tese de doutorado. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006. 234p.
- ASHLEY, C. Joint ventures between communities and tourism investors: Experience in South Africa. *International Journal of Tourism Research*, v.3, n.5, p.407–423, 2011.
- BENEVIDES, I. P. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo e Desenvolvimento Local*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 23-41.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. *Programa de Turismo Rural na Agricultura Familiar*. 2003. 28p.
- BRASIL. Ministério do Turismo. *Programa de regionalização do turismo; roteiros do Brasil; roteirização turística; módulo operacional 7*. 43p. Brasília, 2005.
- BRASIL. Ministério do Turismo. *Turismo rural: orientações básicas*. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 53 p. 2008.
- BRENNAN, M.A., FLINT, C., LULOFF, A. E. Bringing together local culture and rural development: Findings from Ireland, Pennsylvania, and Alaska. *Sociologia Ruralis*, v.49, n.1, p.97–112, 2009.
- BRIDGER, J.C., BRENNAN, M.A., LULOFF, A.E. The interactional approach to community. In: Robinson, J.; Green, G. (Eds.), *New perspectives in community development*. Ames, IA: Iowa State University Press, 2010. p. 85–100.
- BURSZTYN, I. BARTHOLO, R. DELAMARO, M. Turismo para quem?. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. *Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Letra e imagem, 2009. p.76-91.
- CTA - ZM. Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata. *Plano Territorial Rural de Desenvolvimento Rural Sustentável - PTDRS Serra do Brigadeiro, 2004*. Ministério do desenvolvimento Agrário, 81p.
- DADOS E FATOS. *Estudos pesquisas e dados sobre o setor turístico*. Disponível em <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/anuario/>> Acessado em maio de 2014.
- International Ecotourism Society. *Best Practices: Center for Ecotourism of Kerala Institute of Tourism and Travel Studies (KITTS) - 'Uniting Communities – Creating Sustainability'*. 2010. Disponível em <https://www.ecotourism.org/>. Acessado em junho de 2012.
- JAMAL, T.; Getz, D. Community roundtables for tourism related conflicts: The dialectics of consensus and process structures. *Journal of Sustainable Tourism*, v.7, n.3, p.356–378, 1999.
- MALDONADO, C. O Turismo rural comunitário na América latina. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). *Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Letra e imagem, 2009. parte I, p.25-44.
- MARTINS, A. L. C.. DÉJARDIN I. P. SILVA, F. P. S.. V CLAIT. Reflexões sobre a importância da investigação histórica para o ecoturismo e o turismo de base comunitária, *Periplo Sustentable*. n.24. enero/junio, 2013. Disponível em: http://www.uaemex.mx/plin/psus/periplo24/art_clait_01.pdf. Acessado em janeiro de 2014.
- MILLER, G. The development of indicators for sustainable tourism: Results of a delphi survey of tourism researchers. *Tourism Management*, v.22, p.351–362, 2001.
- MORAES, W. V. *O ordenamento dos atrativos de turismo de base comunitária – estudo de caso no Território da Serra do Brigadeiro – MG*. Tese de doutorado. Departamento de engenharia florestal. Universidade Federal de Viçosa. 2011a. 151p.
- MORAES, W. V. *Relatório final apresentado ao Ministério do Turismo sobre o Projeto Boas Práticas de Turismo de Base Comunitária*. 2011b. 126p.
- MORAES, W. V.; RIBEIRO, G. A.; EMMENDOERFER, M. L. Ensaio de uma metodologia com indicadores para o turismo de base comunitária: o caso do Território da Serra do Brigadeiro – Brasil. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, v.11, v.2, p.297-312, 2013. Disponível em: http://www.pasosonline.org/Publicados/11213/PS0213_03. Acessado em: fevereiro de 2014.
- PINCE, R. *Revue et si on vivait autrement*. Paris: Nature & Découvert, 2007.
- PROJETO BAGAGEM. (2010). *Série TURISOL de Metodologias: Parte 2 – Projeto Bagagem*. 42p. Disponível em: http://www.turisol.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/02/Livreto-projeto_bagagem-09-parte2-2.pdf. Acessado em janeiro de 2011.
- SACHS, I. *Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento*. São Paulo: Cortez, 2007.

- SAMPAIO, C. A. C. (et al). Análise comparativa de experiências de turismo comunitário no Brasil e no Chile. *Revista de Negócios*, v.10, 2005, p. 288-301. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/rn/article/viewPDFInterstitial/245/220>>. Acesso em 11 jan. 2010.
- SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. *Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009. p.142-161.
- SILVA, T.P.K.; RAMIRO, R.C.; TEIXEIRA, B.S. Fomento ao Turismo de Base Comunitária: a experiência do Ministério do Turismo. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. *Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Letra e imagem, 2009. p. 361-368.
- SIMPSON, M. The impacts of tourism initiatives on rural livelihoods and poverty reduction in South Africa: Mathenjwa and Mqobela. In: SPENCELEY, A. (Ed.), *Responsible tourism: Critical issues for conservation and development*. London: Earthscan, 2008. p. 239–266.
- SOUZA, N.P.; NELSON, S.P. BADIALLI, J.E.L.; LIMA, M.A.V.; PADUA, S.M. *Como compatibilizar conservação, desenvolvimento e turismo: a experiência do baixo Rio Negro, Amazonas*. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.3, n.2, p.173-190, 2010.
- SPENCELEY, A. Local impacts of community-based tourism in Southern Africa. In: SPENCELEY, A. (Ed.), *Responsible tourism: Critical issues for conservation and development*. London: Earthscan, 2008. p. 285–303.
- STEIN, T. V., CLARK, J. K., RICKARDS, J. L. Assessing nature's role in ecotourism development in Florida: Perspectives of tourism professionals and government decision-makers. *Journal of Ecotourism*, v.2, n.3, p.155–172, 2003.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- WOOLCOCK, M.; NARAYAN, D. Social capital: Implications for development theory, research, and policy. *The World Bank Observer*, v.15, n.2, p. 225–249, 2000.
- WORLD TOURISM ORGANIZATION. (2008). UNWTO NEWS. *Magazine of the World Tourism Organization*. Year XXII, Issue 1/2008. Disponível em: <<http://www.unwto.org/media/mag/en/mag.php?op=1>>. Acessado em: 10 abr. 2009.
- ZECHNER, T. C.; HENRÍQUEZ, C.; SAMPAIO, C. A. C. *Pensando o conceito de turismo comunitário a partir de experiências brasileiras, chilenas e costarriquenhas*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO SUSTENTÁVEL, 5, 2008, Fortaleza - CE. Disponível em: <http://www.cdvhs.org.br/sispub/imageata/1893/sits/files/PENSANDO%20O%20CONCEITO%20DE%20TURISMO%20COMUNITARIO.pdf>. Acesso em: dezembro de 2010.

Recebido em 1 de março de 2015.

Aprovado, em sua versão final, em 31 de abril de 2015.

Artigo avaliado anonimamente por pares.